

Recepção do Prémio de História Contemporânea Elisa Travessa



Antes de apresentar uma pequena intervenção sobre a génese e conteúdo do meu trabalho, não posso deixar de, em primeiro lugar, agradecer à Universidade do Minho, ao Conselho Cultural, à Comissão Executiva do Prémio e a todas as personalidades e instituições ligadas ao Prémio de História Contemporânea a promoção deste evento e o facto de me terem atribuído este galardão. Agradeço ainda aos prestigiados membros do júri – Professores Doutores António Reis, Norberto Cunha e Luís Alberto Alves – que decidiram

sobre a atribuição deste prémio, na edição de 2002. Quero também deixar publicamente uma palavra de agradecimento ao Professor Doutor Sérgio Campos Matos pela indispensável orientação na realização deste trabalho de investigação. Um agradecimento que abrange também os docentes do Curso de Mestrado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sobretudo o Coordenador do Mestrado – Professor Doutor João Medina – pelo estímulo, pelo debate crítico e pelas enriquecedoras perspectivas que me proporcionaram ao longo da minha formação académica. Aproveito ainda a ocasião para dar os parabéns à investigadora Rita Almeida de Carvalho com quem tenho a honra de partilhar este prémio. Recebê-lo constitui uma gratificante recompensa e um estímulo para a continuidade dos trabalhos e pesquisas no domínio da História Contemporânea de Portugal.

O trabalho de investigação agora premiado, intitulado – *Jaime Cortesão: política, história e cidadania (1884-1940)* –, constitui a versão integral da dissertação que defendi em Maio deste ano para a obtenção do grau de Mestre em História Contemporânea, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sob orientação do Professor Doutor Sérgio Campos Matos.

Este estudo resultou de um crescente interesse pela figura de Jaime Cortesão a quem conhecia sobretudo enquanto historiador da Expansão Portuguesa,



uma vez que a sua obra histórica é mais conhecida e divulgada que as restantes produções e acções em domínios diversos. O que mais me fascinou durante a minha investigação, e penso que será este um dos aspectos mais relevantes deste trabalho, foi a descoberta do poeta, do dramaturgo, do pedagogo, do político e sobretudo do cidadão interveniente numa série de projectos de natureza cívica e cultural. Esta investigação permitiu ainda o contacto com alguma documentação inédita pela pesquisa realizada no Arquivo da Universidade de Coimbra, no Arquivo da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, no Arquivo Histórico Militar e no Arquivo Bernardino Machado em Famalicão e, sobretudo, pela pesquisa realizada no Espólio de Cortesão e de outros seus contemporâneos existentes na Biblioteca Nacional.

Procurámos perceber o lugar que Cortesão ocupa no contexto cultural e historiográfico português; compreender o seu percurso, as problemáticas que levantou, os estudos publicados e a orientação que deu às suas investigações; conhecer as contestações às suas teorias e os debates em que interveio; definir as suas preocupações cívicas e éticas; indagar sobre a coerência entre o cidadão e o historiador; compreender qual o lugar da história na formação de uma certa consciência cívica, a forma como ela se projecta na escrita e determina a sua acção cívica. Este olhar retrospectivo pela acção e pensamento de Cortesão define-se cronologicamente entre os primeiros anos do século XX – período durante o qual Cortesão conclui a sua formação académica e regista as primeiras intervenções sociais com alguma visibilidade – e o final da década de 30. Arriscamos mesmo a indicar um ano para o término do nosso estudo – 1940 – porque, pensamos, constitui um dos anos mais conturbados e de viragem na sua vida.

Não pretendendo construir um simples roteiro biográfico, na generalidade explorado e conhecido, os nossos objectivos canalizaram-nos para a adopção de uma postura crítica e analítica do seu percurso, tendo em conta a intervenção do autor e as linhas de força do seu ideário, que transparecem dos textos que produz e das organizações e movimentos que integra. Procurámos por isso empreender um estudo aprofundado e crítico revelando as múltiplas facetas da sua obra, do seu pensamento e da sua acção, explorando alguma documentação inédita e procurando cruzar o seu percurso com o de outros que com ele conviveram no contexto político, mental e cultural do republi-

canismo português. Moveu-nos sempre o intuito de descortinar os temas de interesse, as ideias e impulsos iniciais, a imagem que projecta do passado nacional e a forma como evoluiu e interveio no contexto da 1.ª metade do século XX.

Quando se empreende o estudo de uma personalidade polivalente e multifacetada como a de Jaime Cortesão não podemos construir limites estanques, até porque o próprio percurso e diversidade de atitudes do autor não o permitem. O critério que adoptámos foi essencialmente temático articulado com o cronológico. Obviamente estas delimitações incluem uma articulação e um diálogo constantes: quer quando estudámos a produção literária, a acção e pensamento pedagógicos, a acção política, o pensamento histórico, etc.... Justifica-se por isso que retomemos, nos diversos capítulos, textos do autor e aspectos da sua obra e intervenção cívica, analisados em perspectivas distintas. O objectivo comum a todos os capítulos define-se na tentativa de extrair das suas produções e da sua conduta cívica traços que permitam compreender o seu itinerário e inventariar os temas e propostas que neles se podem entrever. A personalidade de Cortesão exige também uma constante incursão na dimensão moral e cívica do poeta, do historiador e do cidadão, que percorre a sua vida e este estudo.

Procurámos compreender o universo mental do poeta, do dramaturgo, do pedagogo, do político e do historiador. Que podemos reter deste Homem? Como defini-lo e situá-lo no contexto convulsionado do Portugal da I República, da Ditadura Militar e do Estado Novo?

A primeira das ilações que tiramos do seu percurso é a de que foi uma personalidade singular, por vezes liderante, mas que privilegiou a reflexão e a acção, sem que o possamos considerar, no contexto dos grupos que integrou, um doutrinador político, como o foi, por exemplo, Raul Proença. O impulso dinamizador e o sentido da convergência foram os traços mais característicos da sua personalidade. Foi sobretudo um “catalisador de ideias”, como o definiu Aquilino Ribeiro, mais “congraçador” do que “hostilizador dos homens”, como o considerou Rodrigues Miguéis¹. Sem descurar a reflexão crítica face aos debates existentes na época, procurou definir e situar o seu pensamento sem adoptar posições extremas ou radicais. Desde o início

da sua intervenção pública definiu uma linha de orientação e acção, que embora sofrendo alterações, permanece no essencial ao longo do seu itinerário. Foram as permanências e as transformações que procurámos revelar ao longo do nosso estudo.

A indecisão na escolha da sua formação académica não se define como uma ausência de convicções antes como uma inquietação interior, uma procura de caminhos e formas de intervenção na sociedade, numa tentativa de não se estrangular em fronteiras estanques do conhecimento. A sua tese de licenciatura em Medicina – *A Arte e a Medicina. Antero de Quental e Sousa Martins*, 1910 – espelha muito desta polivalência e é o primeiro prenúncio de uma comunhão intensa com António Sérgio e Raul Proença, ainda que posteriormente se verifiquem divergências entre eles. Revela ainda a preferência por diversas áreas do conhecimento humano, numa abordagem muitas vezes pluridisciplinar, e por várias formas de expressão que encontrou na poesia a sua primeira concretização. A presença do poeta será uma constante em toda a sua produção literária e nas iniciativas de natureza cívica em que colabora, a par da tendência para o idealismo e espiritualismo que sempre revelou.

Vislumbra-se, desde cedo, a consciência da decadência do presente e importa afirmar este aspecto porque ele justifica a intervenção cívica constante, o ideal de cidadania participativa, uma espécie de ética do heroísmo, bem visível no seu poema *A Morte da Águia*, e determina também o valor que atribui à consciência histórica nacional e a forma como ela se projecta na escrita. É exactamente pela expressão poética e dramática, intimamente relacionada com a diversidade de projectos que ao tempo integra, que procura despertar a vontade adormecida ou paralisada o por sentimentos decadentistas. Era a ideia de uma pedagogia cívica aliada a uma consciência moral e histórica, presente na criação da Renascença Portuguesa, que pudesse dar à revolução republicana, como o próprio Cortesão afirma, um “conteúdo renovador e fecundo” e possibilitasse a tão proclamada revivescência da Pátria e a revelação do carácter nacional. O objectivo pragmático de intervenção na sociedade moveram Cortesão e os que acompanharam na dinamização de projectos comuns. Neles se encontra implícita uma ideia fundamental: o papel a desempenhar pelas elites em todo o processo e a consciência de uma espécie de missão superior que lhes estava acometida:

a acção comum a desenvolver com vista à formação de uma opinião pública consciente, esclarecida e interveniente.

Na Renascença Portuguesa distingue-se pela acção pedagógica que imprime ao movimento – a acção cultural e educativa junto das camadas populares – reeditando, em parte, a ideia do grupo dos Amigos do ABC, constituído antes da I República, pela dinamização das Universidades Populares e dirigindo a revista *A Vida Portuguesa*. Singulariza-o ainda a forma como concilia esta acção com a intervenção directa na vida política como deputado, destacando-se na campanha intervencionista – dirigindo o diário democrático *O Norte* – e na participação efectiva no conflito de 1914-18.

No exílio, para onde parte em 1927, empenha-se essencialmente em duas actividades, tendo como esteio fundamental a imperatibilidade da intervenção cívica: a luta pelo restabelecimento da democracia em Portugal (mais uma vez adoptado uma posição conciliadora procurando a convergência entre os republicanos opositoristas/revolucionários a par de uma intensa actividade junto das elites políticas espanholas de forma a viabilizar a revolução em Portugal), e o prosseguimento da investigação e produção histórica, certamente um dos aspectos mais profícuos da prolongada ausência da pátria.

A história entendeu-a sempre como uma lição de moral, adquirindo um propósito moralizante e pragmático. Era uma opção de pensamento que se radica nos inícios da sua vida pública e uma exigência cívica. A partir dos finais da segunda década do século XX passa também a encarar a história como uma exigência de pesquisa, como construção fundamentada e alicerçada no esforço documental e crítico. Nela se revela um progressivo esforço reflexivo de interrogação que supera, embora não anule, o universo da divulgação histórica com intencionalidade doutrinária e pragmática.

O lugar proeminente de Cortesão na cultura política e na cultura histórica do seu tempo (princípios do século XX a 1940) fica demonstrado neste estudo pela existência permanente de um duplo combate – político, afirmando a prioridade da revolução moral e espiritual, e de reavivar a consciência histórica e cívica – presente na produção escrita e na acção cultural e cívica. Que evoluções registamos nesta posição? A fundamental é a de juntar ao seu

patriotismo inicial, revolucionário, romântico e idealista, uma componente mais realista e de maior abertura às influências do exterior, posição que esboça no final da sua participação na Grande Guerra, na escrita das *Memórias* e do drama *Adão e Eva*, e que concretiza na colaboração na *Seara* e na produção histórica.

Como síntese destas considerações pensamos essencial insistir que a exigência de cultivar o sentimento patriótico da continuidade nacional e a necessidade de alimentar a memória histórica percorrem o espírito de Cortesão nos anos em que incidem o nosso estudo. A coerência do seu percurso, enquanto político, escritor, historiador e cidadão, pontuam pela constante incorporação destes sentimentos e ideias. O que se destaca em todo este percurso e o que o singulariza é a forma como a consciência histórica, o conhecimento do passado, determinaram a sua conduta cívica e a forma como integra a sociedade do seu tempo.

Uma outra reflexão que aqui gostaria de deixar prende-se com a importância que tiveram para a elaboração deste estudo os testemunhos pessoais deixados pelo autor. Foi sobretudo da correspondência particular, trocada com alguns dos seus amigos e companheiros em projectos comuns, que retiramos muitos dos informes sobre o seu pensamento, os seus anseios, as suas expectativas, as suas preocupações cívicas e éticas. Basta recordar um caso particular: a forma como comunica a Pascoaes, a Proença e a Álvaro Pinto a ideia da formação de uma associação de artistas e intelectuais – a Renascença Portuguesa. Sem esta correspondência e apenas suportados nos textos que se publicam nos periódicos nesse período não seria fácil determinar os impulsos iniciais, as intenções íntimas que presidiram à criação desta associação de intervenção cultural e cívica e o papel proeminente desempenhado por Cortesão na idealização e concretização do projecto.

Na sociedade da informação, da globalização e da comunicação em que vivemos importa questionar sobre a perda dessa hábito de escrita que se dilui na comunicação efémera, que se estabelece pelos meios tecnológicos de comunicação pessoal, e que não deixam para a posteridade o registo escrito para que outros com ele possam contactar. Foi esse contacto privilegiado que manteve com essa documentação que possibilitou o estudo mais crítico e

aprofundado da personalidade de Jaime Cortesão. Como será a investigação destas questões daqui a alguns anos? É a questão que vos deixo, uma entre muitas outras que a sociedade da nossa contemporaneidade introduziu.

Queria ainda referir que, embora vinculados à interpretação do percurso de uma personalidade, procuramos considerar sempre as diversas dimensões da sua vida e obra, integrá-las no contexto em que viveu e apreender a visão de conjunto da sociedade e do tempo que integrou. Este conhecimento do passado não se estrangula, nem se encerra, na espessura temporal em que nos movimentámos. A singularidade do percurso de Jaime Cortesão e das suas ideias permitem questionar a própria sociedade em que vivemos, sobretudo o papel das elites intelectuais da contemporaneidade, a possível acção comum a desenvolver junto de opinião pública e o incentivo às necessárias reformas sociais, culturais, educativas e políticas; o papel assumido pela vulgarização da história e o modo de intervir cívica e politicamente, de forma crítica e construtiva, nos debates do presente. Possibilita ainda avaliar a pertinência e a actualidade das suas ideias e dos seus combates cívicos e culturais.

Agradeço mais uma vez a todos a honra e a felicidade que me concederam ao me atribuírem este prémio.

Nota

¹ Aquilino Ribeiro, "Reencontro com Jaime Cortesão" e Rodrigues Miguéis, "Uma visita à Ibituruna", ambos integrados no número de homenagem a Cortesão publicado pela *Seara Nova*, 27/XII/1952, pp. 189 e 202, respectivamente.